



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DE GÊNERO E FEMINISMO**  
**BACHARELADO EM ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE**

**FERNANDO LATTARULO**

**FEMINISMO ISLÂMICO:  
UM ESTUDO A PARTIR DA PERCEPÇÃO DAS PRÓPRIAS  
ATIVISTAS**

Salvador

2019

**FERNANDO LATTARULO**

**FEMINISMO ISLÂMICO:  
UM ESTUDO A PARTIR DA PERCEPÇÃO DAS PRÓPRIAS  
ATIVISTAS**

Monografia apresentada ao Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Estudos de Gênero e Diversidade.

Orientadora: Profa. Dra. Salete Maira da Silva

Salvador  
2019

**FERNANDO LATTARULO**

**FEMINISMO ISLÂMICO:  
UM ESTUDO A PARTIR DA PERCEPÇÃO DAS PRÓPRIAS ATIVISTAS**

Monografia apresentada ao Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Estudos de Gênero e Diversidade.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Dra. Salete Maria da Silva (Orientadora)  
Universidade Federal da Bahia

---

Profa. Dra. Sonia Jay Wright - 1ª. Examinadora  
Universidade Federal da Bahia

---

Prof. Dr. Alexnaldo Teixeira Rodrigues - 2º. Examinador  
Facudade Visconde de Cairu

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LATTARULO, FERNANDO  
FEMINISMO ISLÂMICO: UM ESTUDO A PARTIR DA  
PERCEPÇÃO DAS PRÓPRIAS ATIVISTAS / FERNANDO LATTARULO.  
-- Salvador, 2019.  
41 f.

Orientador: . Dra. Salete Maira da Silva.  
TCC (Graduação - Estudos de Gênero e Diversidade,) -  
- Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2019.

1. Feminismos.. 2. . Feminismo islâmico.. 3.  
Percepção das ativistas.. I. da Silva, . Dra. Salete  
Maira. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

À Angela, minha esposa-parceira-psicanalista, sem a qual nada seria possível.

À minha orientadora professora Salete Maria, pela ajuda dada na preparação deste trabalho.

Aos membros da banca examinadora, à querida Profa. Sonia Jay e ao Prof. Alexnaldo Rodrigues, pela honra de tê-los como avaliadores e pelas valiosas contribuições.

Às colaboradoras desta pesquisa, feministas islâmicas.

À Universidade Federal da Bahia, pela oportunidade de estudos e crescimento pessoal.

Às docentes e colegas do Bacharelado em Gênero e Diversidade, pelo convívio ao longo destes quatro anos.

Ao servidor Tiago, pela presteza e gentileza de sempre.

A imaginação é mais importante que o conhecimento.

Albert Einstein

## RESUMO

O presente trabalho buscou conhecer e visibilizar o feminismo islâmico, preenchendo, com isto, uma lacuna presente nos estudos do Bacharelado em Gênero e Diversidade. Os objetivos específicos foram: 1) apresentar um panorama dos feminismos ocidentais, já bastante conhecidos através dos textos e aulas ofertadas ao longo desta formação; 2) caracterizar o feminismo islâmico, destacando suas origens, fases e agendas; 3) evidenciar e analisar a percepção e as experiências de algumas ativistas deste tipo de feminismo desenvolvido no oriente. Metodologicamente, foram usados os recursos da pesquisa bibliográfica, entrevista semi-estruturada e análise de documentos. Ao final do estudo, chegou-se à conclusão de que os feminismos são tão múltiplos e diversos quanto às próprias mulheres, e que as realidades e experiências vividas em determinadas sociedades e espaços geográficos influenciam e condicionam a percepção, as demandas e as ações das mulheres feministas. Ademais, ficou comprovado o quão importante é a retirada do véu do preconceito das feministas ocidentais e seculares em relação às feministas muçulmanas, evidenciando que entre estes dois blocos/mundos existem divergências mas também há pontos de contato para uma luta comum contra o patriarcado e outras formas de opressão humana. O trabalho também demonstrou que é importante o diálogo entre todas as mulheres com vistas à construção de uma mundo livre de preconceitos, sobretudo aqueles decorrentes do gênero, raça, etnia, geração e religião.

**Palavras-chave:** Feminismos. Feminismo islâmico. Percepção das ativistas.

## **SUMÁRIO**

### **1. INTRODUÇÃO | 8**

1.1 Tema de pesquisa e construção do objeto de estudo | 8

### **2. OS FEMINISMOS OCIDENTAIS E SECULARES | 11**

### **3. O FEMINISMO ISLÂMICO: UM GRANDE DESCONHECIDO |14**

3.1 Definição, origem e fases do feminismo islâmico | 14

3.2 Principais agendas do feminismo islâmico | 20

### **4. O FEMINISMO ISLÂMICO NA VOZ DAS PRÓPRIAS ATIVISTAS | 26**

4.1 Perfil das entrevistadas: elas, por elas... | 26

4.2 As aproximações com o pensamento feminista | 28

4.3 Ser feminista islâmica, muçulmana | 29

4.4 Relações entre feminismo islâmico e feminismos seculares: tensões e diálogos possíveis | 30

4.5 Preconceitos sofridos no ocidente | 32

4.6 Algumas referências dos feminismos islâmicos | 34

### **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 35**

### **6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 37**

### **7. APÊNDICE | 40**



## 1. INTRODUÇÃO

### 1. 1 Tema de pesquisa e construção do objeto de estudo

Ingressei no Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia no ano de 2014, através do ENEM. Como homem, heterossexual, lido socialmente como branco neste lado do ocidente, senti-me um pouco perdido à época, já que ali se iniciavam os meus primeiros contatos com teorias feministas e temas sobre as quais eu nunca tinha ouvido falar.

Hoje, alguns anos depois, e a partir deste trabalho que consituti o fechamento de um ciclo, gostaria de deixar uma modesta contribuição sobre um tipo de feminismo que não foi tratado ao longo da minha formação no referido curso, qual seja, o feminismo islâmico. E o faço através desta monografia, com a qual acredito ajudar a preencher uma lacuna.

Como disse, sou homem, sou pai e, muitas vezes, sou “dona” de casa<sup>1</sup>, além de ser companheiro de uma mulher que estudou o mundo islâmico por quase 30 anos. Portanto, e apesar das insuficiências temáticas do meu curso, busquei, mesmo que na condicao de homem, conhecer mais, ir além do que me foi oferecido na Universidade. Para tanto, contei não apenas com o interesse na temática, mas, sobretudo, com as oportunidades que me foram apresentadas, ja que tive a “sorte” de conhecer, através das viagens de trabalho da minha esposa, de jantares em casas de famílias muçulmanas, de visitas a mesquitas, centros islâmicos e idas a vários países árabes, um feminismo que nem sempre é visibilizado e/ou valorizado no ocidente: o feminismo que é objeto do presente estudo.

Nos meus quase 50 anos de vida, conheci muitas culturas diferentes e também diferentes tipos de homenes e mulheres, todos construídos social e culturalmente segundo o locus geográfico de referência, afinal, conforme se ensina neste curso, somos frutos da nossa cultura, embora também possamos influir para a sua paulatina transformação. Apesar disto, algo que me incomodou bastante ao longo da jornada acadêmica foi o fato de que muito se critica o eurocentrismo, o etnocentrismo, o capitalismo, o racismo e outras formas de opressão, dominação e exclusão, mas, ao falarmos de feminismos, os únicos pensamentos feministas que tratamos e com o qual nos pautamos teoricamente são aqueles originários do norte América ou da Europa, em que pese algumas disciplinas também tragam autoras latino-americanas. No

---

<sup>1</sup> Em geral, a pessoa responsável por cuidar da casa e cozinhar sou eu, já que minha esposa viaja muito e está concluindo um doutorado. Além disto, durante muito tempo trabalhei como chef de cozinha, com especialidade em cozinha italiana e marroquina, o que contribuído para que eu tenha mais inclinação e disposição para a produção dos alimentos em casa.

geral, o que muda é somente a cor da pele da estudiosa, como se isso resolvesse realmente o problema da divesidade, da exclusão e da chamada colonialidade do saber.

Dianto do exposto, resolvi fazer um trabalho de conclusão de curso sobre um tipo de feminismo desconhecido por muitas das minhas colegas feministas ocidentaiscêntricas e pigmentocêntricas, ou seja, trabalhei sobre um dos diversos feminismos árabes: o feminismo islâmico. Para tanto, não somente fiz uma revisão de literatura, consultando vasta bibliografia sobre o tema, como também entrevistei três mulheres feministas muçulmanas, dentre tantas outras mulheres que sofrem discriminação e censura da parte de homens e mulheres de norte a sul do Ocidente.

Peço desculpas às minhas colegas feministas por escrever sobre feminino sendo um homem, mas acho que o “lugar de fala” adotado como um “cantinho” onde somente se pode falar daquilo que se sofre na pele é a coisa mais antidemocrática que eu já conheci, pois é um sistema que dificulta as pontes, e a longo prazo, cria grupos fechados e auto-referenciados, como pequenos guetos que falam “de si para si mesmo”, tal como uma realidade que vivi por anos ao acompanhar o movimento palestino na Europa e que, segundo a minha opinião, não leva a lugar nenhum.

Convém registrar que o interesse pelo tema teve suas origens a partir de uma viagem que realizei com minha esposa na Faixa de Gaza, em 2012. Na ocasião, acompanhamos parlamentares de todo o mundo para verificar, *di persona e in loco*, o sofrimento do povo palestino. Nessa viagem, tive a oportunidade de presenciar um episódio que, mais tarde, me despertaria o interesse em pesquisar sobre este tipo de feminismo sobre qual estou me debruçando: uma violação de direitos humanos contra mulheres muçulmanas, conforme registrei no meu diário de viagem, e cujo fragmento transcrevo a seguir:

Era um ambiente muito íntimo, uma pequena sala com uma mesa e algumas cadeiras onde duas parlamentares de Gaza esperavam a visita dessas deputadas estrangeiras para uma conversa informal, tendo como tema a situação das mulheres na faixa de Gaza, bombardeada há pouco tempo. As duas parlamentares gazences estavam com o *hijab*, isto é, um véu que cobre a cabeça. Logo no início da apresentação de cada uma, a deputada chilena disse o seguinte: “Nós viemos aqui para lutar pelo direito de vocês a não usarem o véu”. Eu presenciei um gelo na sala, e logo em seguida uma das parlamentares de Gaza disse pausadamente, com bastante respeito, mas com um tom duro que condicionou toda a reunião: “Mas quem disse que estamos pedindo para retirar o véu? Eu uso o véu porque quero e gosto, eu não vim aqui pra pedir para ninguém tirar o meu véu, aqui em Gaza temos tantos problemas importantes, o véu não é um problema para nós”.

Diante deste episódio, passei a me perguntar: qual feminismo, então? De e para todas as mulheres ou apenas de/para algumas poucas? A autora Cinzia Arruzza (2017), estudiosa da cultura e dos feminismos árabes, critica a postura de certos Estados nacionais ao utilizarem um discurso feminista sobre "liberdade das mulheres" para justificar intervenções imperialistas em países muçulmanos ou políticas islamofóbicas, denunciando em particular a obsessão por revelar e "salvar" a mulher muçulmana. Esse feminismo "tão branco quanto a neve", como ela diz, não tem escrúpulos em se aliar ao Estado, às suas proibições e à polícia que garantem a execução de seus próprios. Para a referida autora, trata-se de uma visão míope, baseada no mito da missão civilizadora do Ocidente, que não exerga o uso do véu e outras formas tradicionais de religiosidade como uma resposta à marginalização cultural, social e política dos migrantes árabes em suas diásporas.

Por conta da mencionada experiência, aliada à ausência de estudos sobre o feminismo islâmico no âmbito do meu curso de Bacharelado, tomei a decisão de me debruçar mais sobre a temática e aprofundar-me nesta questão. Considerei que seria precário terminar um bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade sem ao menos conhecer, mesmo que superficialmente, a realidade das mulheres muçulmanas, para nós, ocidentais, tão diferentes e misteriosas, que se assumem feministas e atuam bravamente em defesa de suas ideias, inclusive nos países do ocidente. Assim sendo, elegi como objeto de estudo o feminismo islâmico e me norteie pelas seguintes perguntas para me aproximar do campo e colher os dados que apresento e analiso nos capítulos que se seguem: mas, afinal, o que é o feminismo islâmico? Quais são suas origens, fases, suas agendas? Quem são as estudiosas deste campo, quem são as ativistas? Como se percebem? O que pensam dos feminismos ocidentais e seculares?

Com tais questões em mente, e já atuando como estudante/pesquisador do Jusfemina, sob a supervisão de minha orientadora, mergulhei na literatura. Em seguida, fiz contato com algumas feministas islâmicas que conheci ao longo das viagens à Europa e ao oriente. Após expor minhas intenções, e diante do aceite das mesmas, procedi às entrevistas semi-estruturadas com três delas, através de contato telefônico e por e-mail, durante os meses de abril e maio de 2019, conforme atestam o termo de consentimento e o roteiro de perguntas em anexo.

O resultado da pesquisa está distribuído nos três capítulos que se seguem: sendo um sobre os feminismos ocidentais e seculares; outro sobre o feminismo islâmico em si, e o último acerca da percepção e das experiências das próprias ativistas acerca do feminismo objeto deste estudo. Acredito, com isto, ter dado conta dos meus objetivos, embora outras questões sigam em aberto para explorações futuras.

## 2. OS FEMINISMOS OCIDENTAIS E SECULARES

Conta-se que a história oficial do feminismo começou no século XIX e foi dividida em três fases diferentes - chamadas "ondas" - que correspondem a tantas gerações de mulheres determinadas a lutar por seus direitos. Cada onda trouxe novas prioridades, novos métodos e novos protagonistas (ALVES; PINTANGUY, 1981) . Mas há também a narrativa de uma pré-história do feminismo, com mulheres heroínas para sua época, como Olympe de Gouges, que em 1791 redigiu a Declaração dos Direitos da Mulher e do Cidadão, em plena Revolução Francesa (PINTO, 2003).

Com a **primeira onda**, as protagonistas são as as sufragistas e a sua luta é pelo direito de votar:

Ao longo da história ocidental sempre houve mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas. A Inquisição da Igreja Católica foi implacável com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados como dogmas inofismáveis. Mas a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX , quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As sufragetes, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918 (PINTO, 2010, p. 12.)

Naquela época, apenas os homens podiam participar da vida política, enquanto as mulheres ficavam confinadas ao lar, e mesmo as poucas que atuavam no espaço público não detinham poder para influir na política institucional. Por isso, a imagem das sufragistas britânicas marchando sobre Manchester e Londres para reivindicar o direito de participar da dimensão pública causou uma grande sensação em toda a Europa. Neste contexto, o feminismo se concentrava quase exclusivamente em reivindicações políticas, embora as sufragistas também desejassem a igualdade entre homens e mulheres no direito da família (PINTO, 2003, RANGEL, 2012).

Com a conquista do direito ao voto, sobretudo em países como Inglaterra e EUA, o movimento sufragista se alastrou por outros países, incluindo-se o Brasil, onde, segundo Coelho & Batista, (2009), graças à pressão das feministas, foi autorizado, em 1931, pelo governo de Getúlio Vargas, o voto às mulheres solteiras, viúvas com renda própria ou casadas com a autorização do marido. Mas os grupos feministas queriam mais e, em 24 de fevereiro de 1932, o referido presidente assina o decreto n.º 21.076, que concedia o direito de voto a

todo cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo. Detalhando mais sobre este período, Celi Pinto pontua o seguinte:

No Brasil, a primeira onda do feminismo também se manifestou mais publicamente por meio da luta pelo voto. A sufraguetes brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. Foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto, tendo inclusive levado, em 1927, um abaixo-assinado ao Senado, pedindo a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Larmartine, que dava o direito de voto às mulheres. Este direito foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro (PINTO, 2010, p. 35.)

Já a **segunda onda** feminista, nos anos sessenta, desperta nos Estados Unidos, vai destacar temas como sexualidade, violência doméstica, direitos reprodutivos e igualdade de gênero no mundo do trabalho. São anos de mudanças revolucionárias, pois basta pensar que em 1961 a pílula anticoncepcional começa a ser comercializada nos Estados Unidos, o que permite que as mulheres controlem sua fertilidade de maneira fácil, discreta e acima de tudo autônoma (ALVES; PITANGUY, 1981, PINTO, 2010; ).

A década de 1960 é bastante efervescente no mundo ocidental. Nos Estados Unidos, o tema central é a Guerra do Vietnã, que envolveu uma grande quantidade de jovens. Neste contexto, surge e se desenvolve o chamado movimento hippie, propondo uma forma de vida alternativa aos valores morais hegemônicos nos EUA e se contrapondo ao seu consumismo. O lema deste movimento é “paz e amor”, que devem ser vividos de modo incondicional. No centro da Europa, ocorre o chamado “Maio de 68”, mais precisamente em Paris, quando estudantes ocupam a Sorbonne, e problematizam a ordem acadêmica, criticando, ainda, as burocracias partidárias de esquerda. A união entre estudantes e operários começa a se desenhar, com repercussão no resto do mundo. Este é o panorama no qual a segunda onda do feminismo se assenta, experimentando a pílula anticoncepcional, as obras de autoras como Betty Friedan e outras que discutem as relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo ressurgiu como movimento libertário, advogando democratização das relações na sociedade, na família e autonomia para que as mulheres possam decidir sobre seus próprios corpos (PINTO, 2010; COSTA, 2005; COSTA, 2009).

A partir de meados da década de 1980, mas, principalmente, nos anos 90, o feminismo se expande em várias direções, gerando a chamada **terceira onda**, onde as reflexões e ações em torno da liberdade feminina, sexualidade e reprodução passa a ganhar novas e novas tónicas (COSTA, 2009). Neste momento, segundo Mônica Pasquino (2011), o debate feminismo

contra feminismos passa a ser um caracterizador das pelepas teóricas deste campo, e vai se fortalecer nas próximas décadas com fortes ligações com outra importante transformação que envolve os lugares de produção de conhecimento: a entrada do pensamento das mulheres na academia com a formação dos Estudos de gênero que introduzem novas perspectivas de conhecimento e acolhem mulheres de todo o mundo (PEDRO, 2013).

Os Estudos de gênero ampliam o conceito de gênero para além da diferença entre homens e mulheres. Ademais, outras diferenças são levadas em consideração, tais como as culturais, sociais e raciais, sendo que a posição de imigrante e de pobre passa a ser enfatizada como diferente da de um cidadão rico e, portanto, sua perspectiva sobre o mundo é destacada como diferente. Discute-se as várias formas que as opressões assumem e destaca-se a necessidade de se dar voz às mulheres diferentes dos padrões tradicionais, ou seja, trata-se de uma realidade bastante complexa. Os Estudos de Gênero ganham cada vez mais influência dos Estudos culturais, gays e lésbicos e passam a focar a construção social de ambos os gêneros e a relação entre eles (PASQUINO, 2011).

Diante de todo o exposto, os feminismos, tanto em termos de movimentos sociais como em termos de teorias científicas, especialmente os mais estudados e valorizados em várias universidades pelo mundo afora, e no Brasil especialmente, são os feminismos ocidentais, especialmente as produções teóricas realizadas na Europa ocidental e nos Estados Unidos, em que pesem as críticas de teóricas e políticas de ativistas feministas negras, afroamericanas, decoloniais e de outros países caracterizados como terceiromundistas que tem cada vez mais pontuado a necessidade de alargamento de tais percepções e de inclusão de outros temas e autoras no âmbito das universidades (LUGONES, 2011). Mesmo assim, os feminismos árabes passam longe de tais reflexões (VIEIRA, 2018). E o feminismo islâmico, então, por ser um tipo de feminismo religioso (ROSADO-NUNES, 2017), nem se fala, afinal, trata-se de um grande desconhecido.

### 3. O FEMINISMO ISLÂMICO: UM GRANDE DESCONHECIDO

Segundo algumas autoras (TAARJI, 1992; BADRAN, 2005; LANO, 2007, 2008; MERNISSI, 2009), a situação das mulheres nas sociedades árabes e islâmicas não é de fácil compreensão, pois em geral a mídia reforça preconceitos e estereótipos contra as mesmas, o que dificulta uma aproximação fora dos clichês cotidianos. Segundo a mencionada Lano (2007), durante décadas, em países como a Palestina, o Irã e a Argélia, dentre outros, as mulheres participaram de lutas populares contra opressões militares, saindo dos papéis tradicionais e assumindo novas dinâmicas. Porém, após o surgimento de grupos radicais ligados ao islamismo, a posição social das mulheres sofreu um revés, com perdas de alguns direitos arduamente conquistados. Todavia, em todo o mundo muçulmano, não se deve atribuir estes retrocessos somente ao Islã em si, mas às diversas dinâmicas destas sociedades relacionadas às estruturas tribais e patriarcais mais amplas. Para a referida autora,

O profeta Muhammad, um homem iluminado e com uma sensibilidade marcante, promoveu de fato uma espécie de "libertação feminina" antelitteram, cujo alcance revolucionário foi, no entanto, sufocado pelo tribalismo misógino ainda muito forte e, em um determinado momento, predominante (LANO, 2007, p. 34)

Mas, afinal, como pode ser definido, quais foram as origens e como foi se desenvolvendo o chamado feminismo islâmico? Eis o que destaco no tópico a seguir.

#### 3.1 Definição, origem e fases do feminismo islâmico

O feminismo islâmico, conforme Maria Eduarda Vieira (2018), é um tipo de feminismo árabe, isto é, nascido sob a influência de uma rica e complexa cultura oriunda do oriente médio. É um feminismo nomeado a partir de seus postulados, visões e propostas, pois agrega certas influências dos discursos feministas seculares, quando destaca a defesa dos direitos das mulheres, com os discursos religiosos do Corão, disputando sua interpretação. Trata-se de um feminismo que almeja a emancipação e a dignidade feminina, sem abrir mão do exercício da religiosidade, baseando sua ação nas leituras feministas das Escrituras Sagradas (LIMA, 2014). Costuma ser denominado de reformista, vez que não é um feminismo tipicamente secular, mas tampouco é puramente religioso.

Do ponto de vista histórico, o feminismo islâmico emergiu na década de 1990, opondo-se a leituras conservadoras do Islã, num contexto de profundas discussões e transformações nas sociedades árabes. Surge no bojo dos debates que visam aprofundar reflexões sobre modernismo islâmico, nacionalismo, defesa de direitos humanos e democracia. Apesar disto, alega ter fundamento último o Alcorão, ao contrário dos feminismos seculares do ocidente e do próprio mundo árabe (VIEIRA, 2018).

Vale pontuar que o feminismo islâmico não é o primeiro movimento feminista originado no seio das culturas árabes, afinal, a luta pela libertação das mulheres árabes começou no final do século XIX e avançou no século XX, vinculada à luta de libertação nacional árabe que, por sua vez, acreditava que a decadência árabe, assim como a subalternização das mulheres, era consequência de sua submissão as potências estrangeiras (LIMA, 2014).

Os primeiros feminismos árabes tiveram forte influência ocidental, notadamente francesa, dado que muitas mulheres árabes oriundas de famílias abastadas estudaram em instituições de ensino superior na França e em outros países da Europa. Além disso, o uso das novas tecnologias de informação e o crescente aumento da educação feminina gerou a produção de textos e o aumento da leitura entre mulheres árabes, muçulmanas ou não.

Paradoxalmente, a “primeira feminista muçulmana árabe” foi um pensador, um homem, o nacionalista egípcio chamado Qasim Amin. Ele foi um dos primeiros defensores dos direitos das mulheres, tendo publicado, em 1899, o livro *Tahrir al-marrah* (A libertação da mulher) em que convidou a mulher árabe a libertar-se do véu para participar ativamente da vida do país. O livro foi muito criticado por círculos tradicionalistas religiosos (LANO, 2008).

Dois anos depois, o referido autor publicou mais um livro sobre a temática, desta feita intitulado *al-Marrah al-jadidah* (A nova mulher), no qual enfatizou que suas posições sobre a emancipação feminina se baseavam nos princípios da religião islâmica, que ele muito respeitava. Amin levantou uma questão ainda aberta e debatida no mundo árabe-islâmico: o uso do véu que, segundo o mesmo, não está explicitamente previsto nas normas jurídicas islâmicas, sendo uma imposição da sociedade às mulheres. Este autor, no entanto, alertou contra a emulação passiva dos costumes ocidentais, que, em sua opinião, exageram na direção oposta e liberalizando demais os hábitos das mulheres (LANO, 2008).

Atualmente, o papel das mulheres é regulado pela *sharî'ah*, a lei islâmica. Cada país árabe elabora sua própria interpretação desta lei, mas no que se refere aos casamentos, divórcios, herança e propriedade, há correspondência em quase todos os lugares. Uma forte polêmica contra Qasim Amin vem de uma das primeiras feministas árabes: a egípcia Malak Hifni Nasif (1886-1918) mais conhecida sob o pseudônimo de Bahithat al-Badiya (Aquele que procura no deserto). Nasif acreditava que os intelectuais não tinham o direito de dizer às mulheres como se vestirem. "A maioria de nós, mulheres, continuam a ser oprimidas pela injustiça do homem, que com seu despotismo decide o que devemos fazer ou não fazer, então hoje não podemos nem ter uma opinião sobre nós mesmas. [...] Se nos ordenam de usar o véu, obedecemos. Se ele nos dizem para tirá-lo, vamos fazer o mesmo" (LANOS, 2007, 2008)



Assim como Qasim Amin, Nasif também afirmou que a religião islâmica não forneceu nenhuma receita específica sobre o véu e afirmou que usar o véu não significava ser mais purista do que aquelas que não o usavam, já que o verdadeiro pudor não foi atestado por isso. Essas mulheres, no entanto, ressaltava a Nasif, costumavam usar o véu e não podiam ser forçadas a tirá-lo de repente. Ela argumentou que as mulheres ainda não estavam prontas para um ato de ousadia contra a tradição: se elas abandonassem o véu islâmico e se misturassem com os homens, certamente seriam desprezadas e caluniadas por estes. De acordo com Nasif (apud LANO, 2008, p. 23)), o mais importante era dar às mulheres uma educação adequada e "então deixar a mulher decidir o que é mais apropriado para ela e para a nação".

O feminismo de Nasif pode ser considerado um feminismo que não se vincula às tendências ocidentalizadas e que, em vez disso, buscou afirmar uma subjetividade feminina específica dentro de um discurso islâmico e autóctone, e mais geralmente entendido como uma renovação social, cultural e religiosa de toda a sociedade.

Oposta à de Nasif é a corrente feminista representada, no mesmo século, por Huda al-Sharawi (1879-1947), que parece ter se tornado a voz predominante no Egito e no Oriente Médio. O feminismo de Sharawi estava ligado às tendências ocidentalizadas e seculares, típicas das classes alta e média alta, e defendeu o progresso em direção a uma sociedade do tipo ocidental. Egípcia, fundou, em 16 de março de 1923, a União Feminista Egípcia. Ao retornar do congresso da Aliança Mundial Feminina, realizada em Roma em 1923, Huda al-Sharawi, juntamente com sua amiga Siza Nabaraawi, tirou o véu quando desceu do trem para o Cairo, fazendo um gesto simbólico de emancipação (MERNISSI, 1992; LANO, 2007)

O debate sobre o véu começou na segunda metade do século XIX, mas ainda é uma questão aberta e fortemente debatida no mundo árabe-islâmico. As mulheres muçulmanas "islamistas", ou seja, próximas a uma leitura mais "ortodoxa" do Islã, reconhecem o homem como seu "guardião" (protetor) e permanecem muito ligadas à realidade de sua condição que elas aceitam como predestinação, e rejeitam o feminismo de estilo ocidental, porque o consideram um instrumento do colonialismo e não compartilham o tipo de liberdade oferecida às mulheres. Segundo elas, o fruto do feminismo ocidental é transformar a mulher em um objeto sexual e em uma ferramenta publicitária do capitalismo patriarcal: ele não consegue recortar um lugar apropriado para o casamento e a maternidade e não consegue mudar o mercado de trabalho em resposta às necessidades das mulheres. Desta forma, o feminismo ocidental transforma as mulheres em cidadãs de segunda categoria, não conseguindo aproximá-las em igualdade aos homens (MERNISSI, 1992).

As mulheres islâmicas afirmam que, pelo contrário, os ditames islâmicos oferecem complementaridade às mulheres como seres humanos, como parceiras dos homens e como mães e filhas. O islamismo exige respeito pelas mulheres e oferece a elas oportunidades de educação e preparação, e também um espaço honrado para se tornarem mães, esposas e donas de casa. O islamismo em seus primórdios proporcionou às mulheres modelos e indicou um caminho que pode ser seguido em todas as etapas: Fatima, como filha do profeta Mohammad e esposa de Ali, representa um exemplo idealizado e idolatrado pelos xiitas; Khadijah é homenageada por todos os muçulmanos por sua habilidade e por ser uma esposa que sempre apoiou o marido; Aisha pelo seu intelecto e sua liderança política. Portanto, as islâmistas não precisam dos modelos ocidentais, porque elas têm seu próprio caminho de libertação que querem seguir (MERNISSI, 1992).

As feministas islâmicas defendem particularmente o véu, pois muitas mulheres muçulmanas escolheram o véu como um símbolo da islamização e como o aspecto público de sua posição, ou seja, como forma de diferença e identidade. Elas afirmam que o véu permite que elas sejam observadoras e não observadas, e além disso, ele as liberta dos ditames das indústrias da moda e das exigências do mito da beleza. No contexto de estruturas patriarcais que moldam a vida das mulheres, o véu é um meio de evitar o assédio sexual e, portanto, de alcançar o respeito. No Irã, oficialmente, é considerado um meio identitário para libertar-se da condição de "escravidão do imperialismo" e um "facilitador" da plena participação na vida pública. Porém há um amplo movimento de mulheres que não compartilham esta perspectiva e recusam o uso do chador, o longo véu preto da tradição mais religiosa (MERNISSI, 1992)

Entre as escritoras que fazem parte do pensamento feminista islâmico destaca-se Bint al-Houdâ, uma xiita iraquiana que nasceu em torno de 1930 e morreu assassinada em 1980. Geralmente, suas novelas são construídas com um enredo de cenas muito simples, resultando em um casamento perfeito como recompensa pela devoção religiosa. Como explicou o crítico Chibli Mallat (1987, p. 17), em seu artigo "O feminismo islâmico de Bint al-Houda", a heroína boa triunfa contra a maldade do mundo e seus habitantes, que são seduzidos pelo esplendor da vida fácil e contaminada pelo "micróbio estrangeiro dos valores doentes do Ocidente".

A mensagem que Bint al-Houdâ quis transmitir é a colocação em prática dos valores islâmicos com os quais a mulher oriental contemporânea deve se identificar. A mulher está no centro da ação: discreta e reservada, nunca se mistura com estranhos, leva uma vida familiar com devoção e simplicidade, contrastando com o luxo que arruina a vida das anti-heroínas do

Ocidente. A mulher muçulmana lê muito, cuida do trabalho doméstico, mas sem ser dominada por seu marido. Ela é educadora de crianças e tem a serenidade da fé. A visão política de Bint al-Houdâ é fundada sobre uma oposição violenta aos sistemas do exterior: a rejeição do socialismo, do capitalismo e os valores deles derivados - a controvérsia contra a maquiagem, saias curtas e blusas decotadas (MERNISSI, 1992LANO, 2002, 2007, 2008; PAPICELLI, 2010, 2012).

A religião islâmica de fato permeia a vida do crente muçulmano em todas as áreas da vida, porque é uma crença onde em todas as áreas da atividade humana há um significado religioso. Não há separação entre a esfera privada e a esfera pública, os valores religiosos são encontrados nos próprios fundamentos do sistema social da comunidade. Conseqüentemente, a importância que essas pessoas atribuem ao Islã não diminui o suficiente para permitir que o feminismo secular crie raízes na maioria dos espaços. Sobre isto, TAARJI (1992, p. 245) destaca o seguinte:

A geração mais jovem, que continuou e teve sucesso no estudo do Islã, pôde ver como aquilo que as feministas secularistas alegaram não era inteiramente verdadeiro. E como, em vez disso, a falha foi atribuída à leitura de textos sagrados por instituições controladas por homens, os únicos responsáveis pela marginalização das mulheres.

Por isso, o feminismo secular<sup>2</sup> é sistematicamente acusado pelas feministas de outras escolas de pensamento de serem uma emulação ocidentalizada, neocolonialista, elitista, pura e simples da sociedade ocidental. As críticas dirigidas às feministas seculares dizem respeito aos processos de modernização, e como estes, longe de trazer os benefícios esperados para as mulheres, levam à afirmação dos movimentos islamistas dentro das sociedades islâmicas (SALIH, 2008).

Este descrédito contra o feminismo secular reforça, em alguma medida, a voz de movimentos fundamentalistas que vêem o feminismo pró-ocidental como um neocolonialismo inimigo das mulheres muçulmanas. O próprio shaykh Abassi Madani, líder da FIS (Frente

---

<sup>2</sup> Na década de 1950 surge o feminismo secular árabe, enquanto corrente feminista que não tinha nada a compartilhar com a religião. Isto ocorre numa época que refletia a propagação preponderante do marxismo e da esquerda radical. Este tipo de feminismo árabe se inspirou na gramática dos direitos humanos ocidentalmente elaborada e considera que a religião é totalmente inconciliável com as ideias feministas. Para este tipo de feminismo, o Islã tem uma tendência patriarcal e misógina nas suas raízes e uma função política que visa explorar a questão feminina. Portanto, é impossível criar movimentos emancipatórios dentro do ambiente religioso.

Islâmica de Salvação)<sup>3</sup> argelino, acusa as mulheres modernistas de serem uma ameaça à própria Argélia. Segundo Taarji (1992, p. 245), o mencionado líder afirma que “algumas manifestações (as das mulheres modernistas) são um desafio à consciência do povo argelino e consagram a negação dos valores de uma nação. Essas mulheres, claramente manipuladas, são os falcões do neocolonialismo e as vanguardas da agressão cultural”. Porém o líder da FIS, não se opõe apenas às feministas seculares, sua queixa também é dirigida às feministas islâmicas que desde a origem de seus movimentos se manifestam nas ruas pela democracia.

Há quem diga que, devido às críticas que lhe foram e ainda são dirigidas, o feminismo secular necessitou passar por algumas mudanças de orientação geral, aproximando-se, onde e quando possível, de temas religiosos, a ponto de ser convertido em “feminismo islâmico”. Reformistas islâmicos como Jamal al Din al Afgani e Muhammad Abduh tornam-se os principais pontos de referência para algumas franjas desse “feminismo islâmico”, já que sua retórica é baseada em princípios como a modernização do estilo europeu, a renovação da sociedade através da aquisição de conhecimento, a elevação do status da mulher, considerada como um passo necessário para o progresso da sociedade muçulmana<sup>4</sup>. Esses intelectuais veem a emancipação das mulheres como a premissa necessária para pôr fim à submissão às potências estrangeiras e pôr fim à decadência árabe em que se encontram os países árabes. Libertar a mulher muçulmana de constrições antigas é condição sine qua non para o desenvolvimento (LANO, 2008, p 146-147).

Como afirma a feminista islâmica Ziba Mir-Hosseini (2010, p. 130),

o feminismo é um fenômeno múltiplo e mutável que não se conforma a um único tipo de rótulo. A categorização é difícil mesmo que os conceitos básicos da luta feminista islâmica coincidam e sejam identificados no desejo comum de interpretar a shari‘a. **Podemos, portanto, definir o feminismo islâmico reformista como uma prática inovadora e um novo discurso feminino, contextualmente inexpugnável em nível religioso**, que tem como objetivo principal a igualdade na vida pública e no ambiente familiar. Isso só pode acontecer através da busca por direitos e justiça para as mulheres no Alcorão e em seus ensinamentos (grifo meu).

De acordo com Papicelli (2010), se até os anos 1980 um clima de secularismo generalizado se espalhou pelo mundo árabe, o feminismo islâmico dos anos noventa, dito reformista,

---

<sup>3</sup> É uma organização política de carácter islamista fundada em 20 de fevereiro de 1989 na Argélia e declarada ilegal desde março de 1992.

representou-se como um movimento de mulheres lutando para ver os princípios de igualdade e liberdade afirmados e baseados na religião islâmica. Apesar disto, Badran (2005, p. 31), pontua o seguinte:

É muito importante distinguir entre o feminismo islâmico como um projeto explicitamente declarado, como um termo analítico, e o feminismo islâmico como um termo de identidade. Algumas mulheres muçulmanas descrevem seu projeto de articular e promover a prática, inerente ao Alcorão, de equidade de gênero e justiça social como feminismo islâmico. Outros descrevem isso como um projeto de releitura do Alcorão (BADRAN, 2005, p. 31)

Uma ajuda válida para essas mulheres também é oferecida por intelectuais progressistas, os tais homens de esquerda que, antes de tudo, colocam a questão das mulheres em primeiro lugar na agenda das mudanças a serem promovidas. Por exemplo, graças à sua contribuição, nas últimas décadas, as universidades marroquinas tornaram-se os lugares de excelência para a mudança social, isto é, um lugar para realizar as aspirações de muitas jovens (MERNISSI, 1992).

Entre essas intelectuais, há aquelas que se definem claramente como feministas e muçulmanas e aquelas que relutam em se identificar como feministas muçulmanas (BADRAN, 2005). No entanto, uma definição diferente de si não muda o conceito básico: todas essas estudiosas vêem no Islã uma religião de paz e justiça que prega a igualdade entre os sexos. De fato, essas mulheres vêem os direitos e liberdades que anseiam escritos no livro sagrado mas que foram usurpados, ao longo da história, por uma sociedade patriarcal e uma mentalidade androcêntrica. Para elas, a tradição, com milênios de história, interpreta incorretamente o Alcorão e seus preceitos, explorando a mensagem original para os propósitos daqueles que, nos primeiros séculos do islamismo, colocam-se à frente da sociedade, ignorando ou ocultando dessa maneira o verdadeiro significado dos textos sagrados (PAPICELLI, 2010).

De fato, eles são grupos de elite de exegetas masculinos que reivindicam o direito de interpretar o Alcorão e a mensagem religiosa inerente a ele. Em anos pretéritos, a relação das mulheres com o poder estava ausente (ou não registrada) e o que chega aos nossos dias são, portanto, os textos codificados por autores masculinos. Consequentemente, os mesmos legisladores excluem o componente feminino deste importante processo político e cultural. Por essa razão, uma prioridade do feminismo islâmico é ir diretamente ao texto sagrado, o Alcorão, para recuperar sua mensagem igualitária.

### 3.3 As principais agendas do feminismo islâmico

Uma questão bastante presente nos debates sobre feminismos islâmicos é o véu. De acordo com Mernissi (1992, p. 28), o *hijab*, literalmente “cortina”, desce para “estabelecer uma barreira não entre um homem e uma mulher, mas entre dois homens”. Em “Mulheres do Profeta” aponta que é impossível entender um versículo do Alcorão “sem conhecer a história e as causas que levaram à sua revelação”, portanto examina o contexto histórico e os fatores que levaram, no ano 5 da hégira (627 d.C.), à revelação do versículo 53 da sura XXXIII do Alcorão:

Ó você que acredita, não entre nos apartamentos do Profeta, a menos que tenha sido autorizado e que tenham vos convidado para almoçar. E neste caso, você entra apenas quando a refeição está pronta para ser servida. Então, se você foi convidado (para almoçar), entre, mas se retire assim que terminar de comer, sem se envolver em conversas familiares, uma negligência destas aborrece (yu'di) o Profeta que não ousa de lhe dizer. Mas Deus não tem restrição em dizer a verdade. Quando você vai pedir alguma coisa (para as esposas do Profeta) faça isso por trás de um hijab. Isso é puro para os vossos corações e para os deles (MERNISSI, 1992, p. 29).

Este verso, explica Mernissi (1992, p. 33) referindo-se à interpretação de Tabari (um comentarista de literatura religiosa que morreu em 922),

desceu no dia em que Muhammad tomou uma nova esposa, prima de Zaynab. Ele, portanto, desejava estar com ela. No entanto, um pequeno grupo de hóspedes irritantes não decidiu sair de casa. O véu foi uma resposta de Deus a uma comunidade com costumes grosseiros que, com sua indelicadeza, feriu um profeta tão cortês a ponto de parecer tímido.

O versículo teria descido no quarto matrimonial para proteger sua intimidade e para excluir uma terceira pessoa, a saber, Anas B. Malik, um dos discípulos do Profeta. Anas foi excluído enquanto símbolo de uma comunidade que se tinha se tornado muito intrusiva. "Não esqueçamos - diz Mernissi - que o Alcorão é um livro enraizado no cotidiano do Profeta e sua comunidade, e muitas vezes é uma resposta a uma situação particular" (MERNISSI, 1992, p. 34).

A análise de Fátima Mernissi é confirmada por outro pensador islâmico, Gamal al-Banna, que expressa a sua opinião sobre o problema do vestuário islâmico em seu livro "A mulher muçulmana entre a emancipação do Corão e a limitação dos estudiosos muçulmanos": o hijab não significa niqab (o véu que cobre o rosto) ou um véu para o cabelo, mas uma porta ou uma cortina que cobre e esconde os que estão dentro, comparados com os de fora, e exige que aquele que entra peça permissão antes de fazê-lo (GAMAL AL-BANNA, 2002, p. 49).

Deve ser lembrado, de fato, que no início do período islâmico, a maioria da população vivia em tendas e não em casas e, como explica al-Banna na história de 'Omar Ibn al-Khattab (companheiro do enviado de Deus), os devotos entraram na casa do Profeta sem pedir permissão, mesmo quando ele estava com suas esposas. Gamal al-Banna (2002, p. 33) refere-se também às descrições da biografia do Profeta: “Um homem chamado 'Ayna Ibn Hasan, foi introduzido na tenda do Profeta sem pedir permissão, este último repreendo-o, perguntou-lhe: "Ayna, onde está a permissão?", a resposta foi que "Ayna nunca pediu permissão na sua vida. Ele era um príncipe e o Profeta o chamou de tolo”.

O autor sublinha que o verso sobre o hijab, na opinião de juristas muçulmanos, refere-se apenas às esposas do Profeta. Al-Banna também acrescenta que em Medina a prática de *ta'arrud* se espalhou sobre mulheres de todas as classes sociais: essa prática consistia em espreitar o caminho de uma mulher para incitá-la a fornicar. Por essa razão, alguns homens, incluindo 'Omar Bin Al-Khattab, pressionaram o Profeta a ordenar às mulheres que usassem o véu para serem distinguidas dos escravos, e assim serem protegidas do *ta'arrud*. Em essência, de acordo com os dois estudiosos mencionados acima, o Alcorão só ordenaria cobrir o *dècolleté* com um véu e evitar roupas vulgares ou provocativas (LANO, 2007).

No Alcorão, o hijab metafísico é um obstáculo entre homens e Deus, através do qual os homens não conseguem aproximar-se a Ele, uma vez que não permite a aproximação dos fiéis a Deus, o termo hijab apresenta, inicialmente, um significado negativo. Com a revelação dos versos subsequentes, o hijab adquire uma versão material (MERNISSI, 1992). A sura XXXIII (Das Facções Aliadas), no verso 53 refere-se ao hijab como uma cortina de pano que o Profeta coloca entre ele e um homem que está no limiar de seu quarto: “O que você acredita! Não entre nos apartamentos do Profeta sem permissão (...). E quando você solicitar um objeto de suas noivas, peça-lhe permanecendo atrás de uma cortina: isso servirá melhor à pureza de seus corações e do delas”.

Este verso, chamado precisamente "verso do hijab", é revelado, segundo a tradição islâmica, por Deus ao Profeta para preservar a intimidade deste em sua própria casa. O hijab está sujeito a várias interpretações: a inicial em que surge claramente a necessidade do Profeta defender sua intimidade em uma comunidade como a de Medina que "invade" seus espaços e não respeita sua privacidade, a posterior, que está orientada para uma divisão meticulosa entre os sexos (MERNISSI, 1992). A sura XXXIII (Das Facções Aliadas), no verso 59 declara: “Ó Profeta! Diga a suas esposas e as tuas filhas, e para as mulheres dos crentes que se cobram com suas capas; isto as distingui das outras e as evitara ofensas.”

Esta última injunção é dirigida a todas as mulheres da comunidade para que, após a morte do Profeta, todas as mulheres da classe média-alta usem o véu; essa liminar é interpretada como a extensão natural do conceito de hijab. O hijab, portanto, serve para cobrir a mulher muçulmana e para separá-la do exterior ou, mais precisamente, a descida do verso do hijab sanciona a separação entre os mundos feminino e masculino.

Na sociedade islâmica primitiva, as mulheres muçulmanas são convidadas a se cobrir para se distinguirem dos escravos e se protegerem das agressões sexuais que são comuns nas ruas de uma Medina à beira da guerra civil. Assim, encobrir mulheres livres significa protegê-las (MERNISSI, 1992). E novamente a sura XXIV (Da Luz), no versículo 31 declara:

E diga as crentes de olhar para baixo e proteger a sua vergonha e não mostrar muito de suas belas partes, exceto o que está do lado de fora, e cubram seus seios com um véu e não mostrem suas partes bonitas a além de seus maridos ou seus pais ou seus sogros ou seus filhos (...).

No entanto, para alguns estudiosos, esses preceitos não se estendem a todas as mulheres da comunidade, mas, pelo contrário, têm um caráter puramente privado (ARUFFO, 2000; SALIH, 2008). Se o confinamento das mulheres começa durante a vida de Maomé, quando uma série de revelações é dirigida a suas esposas, é durante o período da dinastia abássida que esse processo se fortalece, por causa da fusão de hábitos e práticas sociais de povos que fazem parte do império árabe-islâmico. A prática do véu e o confinamento de mulheres de classe média-alta são, de fato, uma tradição cultural bizantina e sassânida que não se reflete na primeira sociedade muçulmana (SALIH, 2008). Considerado parte da tradição islâmica, apoiada pelo Alcorão e outras fontes, é na verdade um costume da sociedade bizantina. As fontes descrevem a imperatriz Irene de Bizâncio como completamente velada da cabeça aos pés, incluindo as mãos. As mulheres da era abássida são progressivamente segregadas e o uso do véu é amplamente difundido. É também o período em que os haréns proliferam (ARUFFO, 2000).

Sobre a temática do véu, a socióloga egípcia Leila Ahmed realizou um estudo no Egito e relatou em seu livro intitulado “Além do véu” (1995) que a crítica do feminismo moderno à condição de mulheres muçulmanas corre o risco de promover a xenofobia ocidental em relação a toda a cultura islâmica, como demonstram as polêmicas sobre o "retorno ao véu" que não capturam, segundo Ahmed, a multiplicidade do fenômeno. Em virtude do respeito que o véu inspira, as mulheres muçulmanas não são mais relegadas ao espaço privado, mas impõem sua presença no espaço público, uma vez reservadas aos homens.

A mencionada autora afirma que as mulheres da geração dos anos 1980 são quase sempre as primeiras, nas suas famílias, a se tornarem parte de um mundo “promíscuo”, em



estreito contato com os homens: nas universidades, no local de trabalho, na vida pública. Por esta razão, as mulheres adotam o vestido islâmico: tentam se adaptar a essas novas situações conflituosas, reafirmando e ancorando, ao mesmo tempo, os valores tradicionais em que cresceram. Segundo Ahmed (1995) o vestido islâmico não é necessariamente uma expressão de segregação, mas, pelo contrário, faz com que a presença de mulheres num espaço público de forma alguma se transforme em um desafio ou uma violação da ética sociocultural islâmica: a mulher indica sua adesão a um código moral e sexual islâmico, com o resultado, paradoxal, de poder fazer amizade com os homens e mostrar-se em sua companhia, sem medo de serem acusadas de imoralidade ou perder sua reputação.

Ao adotar o vestido islâmico, as mulheres retalham "um espaço público legítimo": uma escolha, portanto, que ressalta que o espaço das mulheres não é apenas em casa, e legitima sua presença no exterior das paredes domésticas. Por esta razão, a ampla disseminação do véu islâmico no Egito entre as mulheres nos anos 1970 e 1980, de acordo com Ahmed, não pode ser interpretada como uma retirada das reivindicações de autonomia feminina avançadas pela geração que as precedeu. Mesmo na ausência de uma consciência feminista, o acesso à universidade, às profissões e ao espaço público por um número cada vez maior de mulheres, provenientes de um setor muito grande da população, não pode ser considerado um fenômeno regressivo, por mais conservador que seja as roupas que elas usam para abrir caminho através desses campos. Enquanto a linguagem do feminismo e da moda "ocidental" é, de fato, típica das classes médias urbanas, de modo que o "feminismo" como movimento político pode ser descrito como um fenômeno "elitista e circunscrito", o do "véu", de acordo com a socióloga, parece ser uma expressão da busca de uma identidade cultural distinta por parte das mulheres nas populações rurais.

Ahmed não considera o uso do véu ou o vestido islâmico como sinal de regressão no movimento de emancipação feminina árabe. Por isso, critica os estudos ocidentais sobre a mulher árabe, segundo os quais o grau de emancipação das mulheres muçulmanas é indicado pelo uso ou não do véu e pela taxa de ocidentalização ou, pelo contrário, pela manutenção dos costumes árabes e islâmicos.

Argumenta Ahmed (1995) que as mulheres muçulmanas devem rejeitar, como as ocidentais estão tentando fazer, o androcentrismo de qualquer cultura ou tradição, mas isso não significa que elas devem adotar costumes, valores e estilos de vida ocidentais. O verdadeiro caminho da emancipação das mulheres islâmicas deve passar pela aceitação e a re-interpretação crítica da própria tradição cultural e religiosa (LANO, 2007).

A questão do véu sempre foi muito bem-sucedida, devido ao exagero com que foi discutida e continua a ser discutida até que se torne uma questão crucial. Se em um contexto corânico o véu serve para cobrir a *awra* (nudez) de uma mulher livre e solteira, hoje ela representa o ponto crucial do confronto entre países muçulmanos e europeus, já que, do ponto de vista ocidental, invariavelmente significa submissão e repressão do homem sobre a mulher muçulmana.

Do ponto de vista moderno ocidental, é realmente difícil não percebê-lo como uma discriminação sexual, às vezes levando a opiniões e considerações enganosas. Tudo pode parecer para nós, exceto um sinônimo de emancipação (TAARJI, 1992). Em geral, a razão permanece de evitar a atenção masculina indesejada. Em seu livro, Taarji relata a entrevista a uma militante com alto grau de escolarização, velada e islamista. Quando perguntada sobre o véu, ela responde:

Já que o homem vê em mim apenas a fêmea, e é incapaz de falar comigo de uma maneira natural e respeitosa, decidi eliminar o que desperta seus desejos. Cobrindo o corpo, me apresento a ele, para que ele esteja interessado apenas em minha alma, em meu comportamento, em suma, em que ele me considere um ser humano. Liberando-me de seus olhos, afirmo minha liberdade. E, portanto, considero o hijab como o elemento fundamental dessa liberdade. (TAARJI, 1992, pag. 228).

Além do debates debates acima tratados, perpassam as agendas do feminismo islâmico uma série de preocupações, dentre elas a realidade e a luta pela sobrevivência das mulheres e suas famílias em países estrangeiros. Portanto, as reivindicações feministas de igualdade baseiam-se não apenas no universalismo dos direitos humanos, mas em uma interpretação da orientação progressista orientada para o gênero. Essas mulheres olham para o Islã e para os versos estabelecidos no Alcorão como a arma ideal para promover sua visão do Islã. Na abordagem do Alcorão, as mulheres carregam sua própria nova interpretação e, portanto, se questionam a partir de uma perspectiva de gênero. De acordo com estudiosas e ativistas do feminismo islâmico, existem na verdade muitos versos do livro sagrado que parecem afirmar a igualdade homem-mulher. Por exemplo, na sura XLIX (Das salas íntimas), no versículo 13 lemos: “Ó homens, na verdade nós os criamos, um homem e uma mulher, e fizemos de vocês vários povos e tribos para que vocês se conheçam reciprocamente, mas o mais nobre entre vocês é aquele que mais teme a Deus.”

#### 4. FEMINISMO ISLÂMICO NA VOZ DAS PRÓPRIAS ATIVISTAS

Este capítulo apresenta o resultado da pesquisa empírica, isto é, das entrevistas realizadas com três feministas islâmicas, assim como a análise dos dados, conforme os itens abaixo.

##### 4.1 Perfil das entrevistadas: elas, por elas...

**Quadro 1: perfil das entrevistadas**

| Participante | Idade | Estado civil | Grau de escolaridade           | Profissão                       | Nacionalidade | País onde reside | Cor/raça |
|--------------|-------|--------------|--------------------------------|---------------------------------|---------------|------------------|----------|
| P1           | 58    | casada       | graduação sociologia           | Funcionária ministério da saúde | italiana      | Itália           | branca   |
| P2           | 48    | casada       | graduação ciência política     | consultora ONG                  | italiana      | Itália           | branca   |
| P3           | 44    | casada       | graduação analista de sistemas | Voluntária ONG ddhh             | italiana      | Itália           | branca   |

Fonte: elaboração própria

As três participantes da pesquisa, isto é, as entrevistadas, doravante denominadas P1, P2 e P3, são mulheres acima de 40 anos de idade, todas escolarizadas, com nível superior completo, de nacionalidade italiana, casadas, heterossexuais, com filhos e profissão definida. Três estão trabalhando atualmente, uma em órgão do governo, uma em organização não-governamental e outra é dona de casa e atua como voluntária numa ONG de direitos humanos. Todas se converteram ao Islã em um determinado momento de suas vidas, mas antes eram de famílias cristãs e militavam em movimentos políticos de esquerda. Atualmente são feministas islâmicas e professam regularmente sua religião, isto é, o islamismo. As três são bastante atuantes em prol dos direitos das mulheres e tem críticas ao modo como os feminismos ocidentais, sobretudo os seculares, as percebem enquanto mulheres membros de uma religião tradicional na história da humanidade. Ao serem indagadas acerca de suas identidades e de suas trajetórias enquanto ativistas, assim se manifestaram, respectivamente:

Sou uma irmã muçulmana italiana (...) tive em minha juventude uma experiência política de cerca de quinze anos, dos 17 aos 32 anos, no Partido Comunista e depois na Quarta Internacional, de onde saí para

abraçar o Islã. Continuei, como muçulmana, a cuidar do sindicato, pois sou uma funcionária da administração estadual e **lido com o anti-racismo e o combate à violência de gênero, especialmente através da publicação de artigos e participando de conferências contra a violência de gênero como muçulmana.** Tenho colaborado com associações anti-racistas seguindo 3 propostas de anistia para permitir que milhares de irmãs migrantes se regularizam e saiam de uma condição de escravidão . Sou casada e tenho 3 filhos que atualmente estudam na universidade, também sou defensora dos direitos dos animais, pois acho que os direitos dos animais são importantes para nós muçulmanos, porque o Islã não é somente rezar, mas dedicar-se a Allah e suas criaturas (P1, grifo meu).

Desde 2001, **sou membro da associação LIFE, uma organização sem fins lucrativos de mulheres muçulmanas.** Desde 2006 **sou presidente desta associação** que foi fundada em 2000 por mulheres de várias nacionalidades, com diferentes origens culturais, todas praticantes. No início, a sede da associação estava dentro do centro islâmico, na mesquita. Encontramos muitos problemas em nossas atividades, que, de acordo com a liderança da mesquita, tínhamos que permanecer "femininas", ou seja, estar limitadas a algumas atividades educacionais para mulheres e crianças. As dificuldades com o passar dos anos foram superadas, há muito tempo temos uma sede independente e boas relações com as mesquitas, mas as batalhas que tivemos que fazer até mesmo por um lugar para rezar pelas mulheres nos ensinaram muito. **O sexismo e a ignorância são dois males das comunidades de imigrantes muçulmanos na Itália,** percebemos imediatamente e começamos a trabalhar nisso. Comecei a estudar e ver o que ativistas e teóricas escrevem e fazem em outros países, então comecei a estudar textos religiosos sobre mulheres, a fazer traduções para conscientizar outras mulheres onde o patriarcado distorce nossa religião (P2, grifo meu).

Me converti ao islã aos 25 anos, tenho 2 filhos, **fui militante de alguns movimentos de esquerda na juventude.** Hoje **faço parte de grupos de mulheres muçulmanas** aqui em Florença (...) Luto como mulher pelo reconhecimento dos valores de igualdade escritos no alcorão a todas as mulheres, sejam elas muçulmanas ou não (P3, grifo meu).

Como se pode ver, dentre as entrevistadas há duas que se converteram ao Islã depois de ter passado pela militância de esquerda, inclusive em partido comunista. Toda atuam em prol dos direitos humanos das mulheres muçulmanas e uma delas também participa de lutas pelos direitos dos animais. Advogam o direito de reinterpretar os textos sagrados à luz dos postulados feministas, pois reconhecem que as interpretações hegemônicas retiraram destas Leis o seu real significado, isto é, a igualdade e a dignidade de todos os seres, sem distinção.

## 4.2 Aproximações com o pensamento feminista

Quanto às aproximações das entrevistadas com o pensamento feminista, duas delas destacaram o seguinte:

O feminismo ocidental é a reação das mulheres a uma situação de escravidão em todos os níveis. Essa situação era tal e em muitos aspectos ainda o é, que as mulheres não encontraram nenhum aliado na religião. Então, elas se rebelaram com a mesma violência que foi imposta a elas, as mulheres ocidentais quando casavam perdiam todos os direitos sobre suas posses, algo que no Islã nem sequer existe nos cantos mais remotos da Índia muçulmana. A mulher ocidental era uma prostituta ponto e basta. No Islã não é assim, mas por outro lado, as tradições patriarcais estas sim são um problema, foram sobrepostas à autêntica mensagem religiosa. **Lutamos para a descoberta da autêntica mensagem religiosa do Islã** e do exemplo do Profeta que sempre recomendou até o último suspiro, o bom tratamento das mulheres (P1, grifo meu).

Lembro-me da luta - o termo é adequado - no início dos anos 2000, para ter um espaço de oração para as mulheres na mesquita da nossa cidade. O imã não queria, ninguém queria, mas como não é possível do ponto de vista religioso, ele lidou com isso de mil maneiras para evitar que as mulheres tivessem um lugar digno, mesmo que estivessem separadas do salão central. Conseguimos em 2008, com um novo edifício da mesquita. No entanto, quando eles começaram a dificultar novamente nos transferimos, intensificando o trabalho fora da mesquita. Um grande esforço é necessário para alcançar uma mudança cultural, levará um longo tempo: as pessoas ainda rezam em lugares separados em toda parte, na Itália, e as mesquitas nem sempre têm o lugar para as mulheres. **Um momento significativo foi a organização da primeira conferência internacional do feminismo muçulmano** na Itália, em 2013. Foi por ocasião da publicação do meu livro "Gender Jihad". Convidamos professores do exterior e também Abdennur Prado, que havia organizado a conferência na Espanha, também Maria Luísa Boccia, com quem construímos um bom diálogo ao longo dos anos. Um livro saiu: Feminismos muçulmanos, um encontro com a jihad de gênero. levamos ele por toda Itália, foi muito interessante. (P2, grifo meu).

Pelos relatos, percebe-se que as mulheres feministas muçulmanas se aproximam das ideias feministas em virtude das desigualdades de gênero existentes em suas sociedades, todavia, pontuam experiências diferentes das mulheres ocidentais e até mesmo apontam compreender as razões que levaram os feminismos não orientais a se afastarem das estruturas religiosas existentes em seus respectivos países. Relatam, ainda, a importância de se refletir sobre suas realidades a partir de

produções teóricas advindas de suas próprias experiências e percepções, conforme a Participante 2, autora de um livro sobre a temática.

### 4.3 Ser feminista islâmica, muçulmana

Acerca da experiência como feminista e praticante da religião islâmica, as entrevistadas pontuaram o que se segue:

Eu defendo o direito das mulheres praticantes em adorar Allah, sem que um homem, pai ou marido, possa impedir. Defendo liberdade de usar o véu como uma escolha, trabalhar ou não como uma escolha e não como uma imposição do sistema. Defendo a liberdade de ser respeitada como mãe, filha, irmã em casa e fora de casa. Ninguém pode ter o direito de te agredir, de te dar ordens ou levantar a voz. Esse era o estilo de vida do Profeta em sua casa. **A relação da mulher com Allah não deve ser mediada por maridos ignorantes, como acontece com frequência.** Eu sempre tive um grande interesse nesta questão [direitos das mulheres, feminismo] e uma forte oposição a certas tradições que vêm a mulher como um ser infantilizado passivo e amorfo e sempre precisando de ajuda. Pessoalmente, é uma vida que eu vivo sozinha, viajando, e minha fé alhamdulillah está nas mãos do Altíssimo e de nenhum homem na terra. Com duas irmãs também organizamos uma conferência muito participada no sul da Lazio a uma hora de trem de Roma sobre a questão das mulheres. Há mais de 20 anos colaboro com a Revista Il Dialogo, sobre este e outros tópicos (P1, grifo meu)

Eu sou uma muçulmana, com tudo o que envolve acreditar e praticar a mensagem do Alcorão. **Ser feminista não está em contradição com minha fé,** eu também sou anti-racista, ambientalista. O feminismo é uma visão, um método e uma luta por justiça nas relações de gênero, para trazer as mulheres de volta à dignidade das pessoas e fazer com que elas tenham as mesmas liberdades e oportunidades. **Homens, mulheres e outros gêneros têm os mesmos direitos e a mesma dignidade** porque todos nós somos seres humanos (P2, grifo meu)

Lutar pela igualdade de gênero é sempre difícil, as religiões muitas vezes deixam de lado seus valores primários para se submeter a jogos políticos de opressão, isso acontece com o islã e também com o cristianismo. **Nós mulheres muçulmanas lutamos pelos valores de igualdade que estão na origem da religião islâmica** deixando de lado a submissão ao patriarcado que é tão presente seja no oriente como no ocidente (P3, grifo meu).

As falas acima transcritas indicam o quão conscientes são as entrevistadas com relação ao papel das mulheres na sociedade e os direitos que estas devem ter enquanto direitos humanos. Sustentam que não há incompatibilidade entre ser feminista e professar uma fé e apontam o princípio da igualdade como postulado fundamental dos textos sagrados da religião que abraçam. A participante 1, por exemplo, também destaca o direito à liberdade das mulheres para se relacionarem com a religião sem necessitar de mediadores homens, sejam eles pais, maridos ou líderes religiosos. Tal postura confronta discursos ocidentais, inclusive feministas, sobre a relação das mulheres com as religiões e sobre as possibilidades de diálogo entre estas e os textos sagrados que fundamentam suas crenças. Eis uma questão sobre a qual merece mais aprofundamento teórico por parte do pensamento feminista ocidental.

#### **4.4 Relações entre feminismo islâmico e feminismos seculares: tensões e diálogos possíveis**

Sobre as relações entre feminismo islâmico e feminismos ocidentais e seculares, as entrevistadas não hesitaram em demonstrar desconforto, pois não há como negar as tensões, mas tampouco negam possibilidades de diálogos, conforme evidenciam, em maior ou menor grau, as manifestações abaixo:

Eu não concordo em colocar as feministas laicas juntas com as muçulmanas praticantes, já que as feministas laicas compartilham suas batalhas com as feministas ocidentais e nós não. **Nós somos a favor da família e do nascimento, devemos desencorajar o aborto.** Somos contra práticas repugnantes como a prostituição que elas gostariam de regular, somos contra o casamento gay, a aberração do útero alugado que viola seriamente os direitos das criança. Nós muçulmanas, por outro lado, queremos superar as leituras sexistas dos textos sagrados e queremos que o Islã retorne à posição de uma religião amigável para as mulheres como era no passado, pois historicamente a mulher no quadro da Sharia sempre esteve presente como Mufti como Alimat como professoras e ainda é assim de certa forma e eu me reconheço neste último movimento que é supérfluo chamar de feminista, porque o Islã é uma religião para mulheres e homens com igual dignidade espiritual (P1, grifo meu)

As manifestações de P1, indicam os pontos de maior tensão entre os feminismos muçulmanos e os seculares, sejam eles orientais ou não, pois questões como aborto e união entre pessoas do mesmo sexo não são vistas, grosso modo, como algo que seja de todo aceitável por muitas delas. Apesar disto, a fala de P2 abaixo transcrita, indica que é necessário buscar o

que há em comum com os feminismos e reconhecer a contribuição histórica do feminismo ocidental.

**O feminismo histórico no Ocidente foi capaz de fazer grandes mudanças, nós devemos muito a ele.** Os novos feminismos são mais fragmentados, a sociedade mudou, é normal que seja assim, mas não devemos esquecer as prioridades e temos um terreno comum. Lamento ver que as mulheres jovens e até mesmo os homens jovens sabem tão pouco sobre o feminismo histórico, e que nem sempre sabem de onde vêm tantos direitos que foram reconhecidos graças às lutas feministas do século passado. Eles não são adquiridos para sempre, mas estamos sempre no processo de perdê-los. Além disso, a situação das mulheres é problemática em muitos aspectos (P2, grifo meu).

Não obstante a fala acima, P3 destacou as dificuldades de diálogo com mulheres seculares que, segundo a mesma, abraçam as perspectivas governamentais e até endossam as políticas de colonização dos países árabes. Eis mais um ponto de tensão, pois envolve questões de colonização histórica e de colonialismos culturais, o que, seguramente, requer um olhar menos etnocêntrico e mais interseccional por parte de feministas de outros países ou espectros sociais:

Anos atrás participei do movimento de mulheres muçulmanas em favor do de-proibicionismo do véu em documentos oficiais, tivemos que nos contrapor mais aos movimentos de mulheres seculares do que às próprias instituições estatais (...) **As feministas ocidentais deixaram de lado a verdadeira luta dos movimentos femininos contra o patriarcado para lutar a favor de governos ocidentais** na colonização dos países árabes, em favor de guerras para a “liberalização” da mulheres ou contra o direito em usar ou não o véu. (P3, grifo meu).

A participante P1 destacou ainda a relação entre os feminismos ocidentais hegemônicos e o neoliberalismo que, segundo a mesma, apresenta-se da seguinte forma:

**Hoje, em grande parte, o feminismo ocidental terminou sua fase em que poderia dar algo de útil, e se tornou um fenômeno somente de mídia, muitas vezes um carnaval.** É uma arma para o sistema, porque a ideia delas de libertação anda de mãos dadas com o neoliberalismo. Você é livre para abortar, para trabalhar 12 horas por dia por salários de fome porque nenhum homem se preocupa com você e você é livre para criar seus filhos sozinha...uma coisa triste. Você é livre para se vender e consumir, mas não para ser você mesma. Eu realmente não me importo com esse tipo de feminismo, a única coisa com a qual sou solidária é o contraste com a violência de gênero. (P1, grifo meu)

A fala acima denuncia uma face dos feminismos ocidentais que consiste em dialogar com o capitalismo, aceitar suas bonificações ou ao menos não radicalizar contra a apropriação



mercantil e lucrativa de símbolos, pautas e até lideranças feministas no ocidente de um modo geral.

Ao serem indagadas sobre os diálogos possíveis, as participantes P1 e P2, afirmam o que se segue:

**Existe colaboração apenas com uma pequena parte**, com aquelas que se opõem ao reconhecimento da prostituição como um trabalho, elas nos respeitam. As outras gostariam que nós fossemos como elas, **são totalitárias e propõem um feminismo eurocêntrico e neocolonial** (P1, grifo meu).

A adesão à sharia, a base dos princípios e valores islâmicos, não tem sido objeto de diálogo com elas. Mas muitas coisas estão em comum, todas estão lutando pelos direitos das mulheres e, portanto, pelos direitos humanos. **Devemos partir do terreno comum e lutar junto.** (P2, grifo meu)

Diante do exposto, pode-se dizer que algumas mulheres muçulmanas, ativistas de lutas sociais pela libertação feminina, em muito se distanciam das feministas seculares, ainda que tenham em comum a mesma nacionalidade, ou outros marcadores como raça e classe, como é o caso das entrevistadas diante de algumas de suas compatriotas, posto que há, entre as feministas seculares, as que negam o caminho religioso como possibilidade de vivência de seus feminsimos e as ativistas muçulmanas, para quem a religião não só tem potência como gera as forças para a luta feminina contra toda forma de opressão. Em muitos casos, a ausência de reflexão sobre isto pode gerar até mesmo a intolerância religiosa, assim como a xenofobia.

#### **4.5 . Preconceitos sofridos no ocidente**

Uma questão bastante presente nas falas das participantes das entrevistas foi o problema do preconceito sofrido no ocidente, seja enquanto mulher, enquanto mulher religiosa e enquanto mulher religiosa e feminista, conforme destacado a seguir:

Muito difícil. Devemos enfrentar a hostilidade de parte das comunidades muçulmanas, caracterizada por uma cultura patriarcal profundamente arraigada. Depois o preconceito das mulheres ocidentais, que não reconhecem nossas posições. O conhecimento do Islã é mínimo e distorcido. Não há ferramentas para falar conosco e nada se sabe sobre o feminismo árabe e islâmico dos 900, muito menos o atual. Com o historiador ocidental, a divergência é dada em virtude da religião, que para mim continua a ser uma das fundações do meu pensamento enquanto feminista, enquanto no Ocidente é necessário se rebelar contra a religião, principalmente a católica e a igreja, por

exemplo. **Menos distância existe com as feministas cristãs protestantes - Valdesi e Metodista - com quem temos feito um bom trabalho há anos.** Mesmo com alguns cristãos, mas pertencendo a uma igreja central que dita as diretrizes, isso é muito significativo (P2, grifo meu).

Na minha experiência, não encontrei compreensão ou reconhecimento. Nenhuma solidariedade. Com Life, tivemos sérios problemas - ameaças, vandalismo e danos à sede - duas ações judiciais da parte de um centro islâmico - por nossa atividade e porque denunciávamos publicamente o chauvinismo masculino vulgar e a discriminação que sofremos dos líderes da comunidade muçulmana. **Nós não tivemos nenhuma solidariedade das várias organizações, feministas muito ativas em nossa cidade.** Quando o município abriu a Casa da Mulher, nós participamos do caminho que iria levar as associações até a casa, mas no momento de entrar nos excluía. Eu entendo que elas não têm o conhecimento e as ferramentas adequadas, mas até agora a intenção de nos encontrar e nos ouvir tem sido escassa, nenhuma comparação é buscada. **Elas não nos reconhecem como feministas** (P2, grifo meu).

Acho que a mulher não precisa renegar a religião para ser mulher, **encontro hoje muito mais solidariedade entre as mulheres dos grupos islâmicos que frequento do que encontrava quando frequentava grupos de mulheres de esquerda (...)** Não me reconheço nesse tipo de feminismo midiático da atualidade e sinceramente penso que nem as mães do feminismo ocidental se reconheceriam nesse feminismo atual (P3, grifo meu).

Os depoimentos acima apontam para as imensas dificuldades que as mulheres, sobretudo as feministas muçulmanas passam pelo mundo afora, notadamente na Europa ocidental. Para além dos preconceitos de líderes religiosos e compatriotas que as consideram traidoras do Islã, há as dificuldades de diálogos com feministas seculares, assim como com as políticas públicas de enfrentamento às violências de gênero, no âmbito das quais suas demandas nem sempre estão presentes ou com elas não dialogam. Trata-se de uma problemática a ser melhor investigada para se buscar entender os limites e as possibilidades das ações estatais frente à situação das mulheres muçulmas que necessitam exercer seus direitos humanos frente às instituições governamentais. De igual modo, vale destacar o que P2 fala em termos de relações e trabalho comum com feministas cristãs, o que indica um caminho para possíveis articulações e ações conjuntas com feministas que também pertencem ao mundo religioso ou tem afinidade com alguma crença específica, no caso, a cristã.

#### 4.6 Algumas referências dos feminismos islâmicos

Ao serem indagadas sobre estudiosas, ativistas ou obras importantes no seu campo, as participantes destacaram o seguinte:

Asma Lamrabet, ex-presidente da GERFI em Rabat, uma mulher excepcional que escreveu belos livros nos quais propôs uma leitura atualizada dos hadiths e de versos do Corão. Também a obra de Fátima Mernissi que trouxe à luz as esquecidas sultanas, as guerreiras e as heroínas do Islã enterradas por uma leitura sexista que infelizmente existe. Aqui na Itália temos Marisa Iannucci que lida com a releitura das Fontes por parte das mulheres. Existe o Projeto Aisha em Milão e Belluno coordenado pela irmã Amina Al Zeer para contrastar violência de gênero em famílias muçulmanas. Na França, Houria Boutejda, do partido indígena da República, que defende uma forma de feminismo indígena não eurocêntrico e não neocolonial. (P1)

**Abdennur Prado na Espanha, um filósofo feminista**, teórico e ativista muçulmano. Donatella Amina Salina na Itália, ativista. Na Itália, muitos são ativistas, mas não se dizem feministas. O termo não é aceito e seria um problema (P2, grifo meu).

Amina Wadud, que liderou uma congregação mista de gêneros nas orações de sexta-feira em Nova York (P3).

Percebe-se que as participantes estão atentas com autoras e autores que se ocupam de fortalecer o pensamento feminista islâmico, merecendo destaque o fato de que o filósofo Abdennur Prado tem sido citado por elas e também nos eventos ligados ao campo, ou seja, há entre as feministas islâmicas uma abertura para dialogar com homens que se interessam em valorizar e difundir o pensamento e as ações das feministas islâmicas e que são aliados importantes de suas lutas por igualdade de gênero, especialmente no contexto de suas crenças e práticas de fé. Algo pouco comum nos feminismos ocidentais, especialmente no Brasil.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou o resultado de uma pesquisa científica sobre o feminismo islâmico. Além da revisão de literatura, que abarcou textos nacionais, mas, sobretudo, internacionais, dada a escassez do tema em bibliografia brasileira, foram feitas três entrevistas semi-estruturadas com três feministas islâmicas residentes na Europa.

A pesquisa decorreu da necessidade de se conhecer mais, e de modo sistemático e metodológico, sobre o chamado feminismo islâmico, pouco ou nada referenciado no Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade. Um dos objetivos da pesquisa foi suprir a nossa ignorância acerca deste tipo de feminismo, seguida da intenção de conhecer a partir da percepção das próprias ativistas. Além da definição, da origem e das fases deste tipo de feminismo, destacou-se também as suas agendas e os temas mais atuais, tal como o uso do véu pelas mulheres muçulmanas e as relações deste tipo de feminismo com os feminismos ocidentais e, sobretudo, os seculares, também denominados laicos.

Os dados evidenciaram que as mulheres feministas muçulmanas ainda enfrentam muitos preconceitos em virtude da visão distorcida e até mesmo xenófoba com relação a sua cultura, sua identidade e tudo o que representa a religião islâmica para a sociedade ocidental.

Em que pesem as entrevistadas terem nacionalidade italiana, também sofrem pelo fato de serem adeptas da religião islâmica e, portanto, seguidoras das Escrituras Sagradas do Alcorão.

Ficaram evidenciadas as dificuldades que enfrentam no dia a dia no ocidente com relação aos temas prioritários aos feminismos hegemônicos, ocidentais e seculares. Além disto, foram destacadas as inúmeras barreiras com relação ao diálogo com outras feministas, o que leva, de certo modo, ao isolacionismo, com repercussões negativas até mesmo entre estas e as políticas governamentais, em sua maioria produzidas conforme um padrão cultural pouco sensível às suas questões e visões de mundo.

O estudo deste tema demonstrou também a necessidade de alargarmos o nosso horizonte teórico a fim de abarcar outras perspectivas, inclusive nos debates sobre a dicotomia público/privado, uma vez que as mulheres muçulmanas se pautam pelas orientações do Alcorão nas esferas públicas e privadas. Pode-se perceber que o feminismo islâmico é também um tipo de feminismo decolonial, à medida que questiona o eurocentrismo cultural e a perspectiva etnocêntrica do ocidente. Por se tratar de um movimento que articula a defesa dos direitos das mulheres com a prática religiosa, tal feminismo é considerado reformista, pois procura ampliar

as possibilidades de interpretação das normas religiosas, disputando sentidos, significados e perspectivas com outros seguidores de sua associação religiosa.

As participantes deixam evidente que assumem um feminismo baseado na leitura do Corão, e são praticantes de sua fé, o que muitas vezes gera conflitos com outras formas de organização e mobilização feministas, notadamente quando se trata de questões afetas ao aborto, à união entre pessoas do mesmo sexo, ao exercício da prostituição como atividade profissional. Grosso modo, afirmam ter dificuldade de dialogar com as feministas seculares, embora também tenham externado interesse e necessidade neste diálogo.

O feminismo islâmico não é o primeiro tipo de feminismo árabe, pois foi antecedido por outros feminismos, de caráter secular e influenciado pelas perspectivas ocidentais. Mas, na atualidade, tem se tornado um movimento ascendente em termos de participação das mulheres que concordam que é importante avançar na ampliação e concretização dos direitos humanos para todos e todas, com garantida de igualdade de gênero, sem, contudo, abrir mão de sua cultura, de sua religiosidade, de algumas tradições que apresentam como forma de resistência aos ataques imperialistas contra a cultura árabe de um modo geral e contra o islamismo em particular.

Por se tratar de uma investigação inicial e exploratória, esta pesquisa deixa questões abertas para investigações futuras, mas cumpre com a necessidade e o compromisso de se conhecer mais sobre outros feminismos fora do eixo e da perspectiva dominante nos estudos e nos debates sobre gênero e diversidade.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca M; PITANGUY, Jaqueline. **O que é Feminismo?**. Brasiliense - Coleção Primeiros Passos, 1981

ALCORÃO SAGRADO. Tradução de Samir El Hayek. Marsa, IM Editora Jornalística, 2011

AHMED, Leila. **Oltre il velo: la donna dell'Islam da Maometto agli ayatollah**. Feltrinelli, Itália, 1995.

ABDELWAHAB, Bouhdida, **A sexualidade no isla**, Editora Globo 2006.

ARRUZZA Cinzia; CIRILLO Lídia, em **Storia delle storie del femminismo**, Porto Alegre 2017

AMIN, Qasim. **The new woman**, The american University in Cairo, 1900.

ARUFFO, Alessando. **Donne e Islam**, Datanews, Roma 2000

AZIM, Abdel Sherif. **A mulher no Islam**, society of revival of islamic heritage state of Kuwait, 2001.

BADRAN, Margot. **Femminismo islamico**, em *Senza velo*, por M. Lanfranco, M.G Di Rienzo, Intra Moenia, 2005.

BADRAN, Margot. **Feminists, Islam, and nation: Gender and the making of modern Egypt**. Princeton: Princeton University Press, 1995.

BANNA, al-Gamal. **A mulher muçulmana entre a emancipação do Alcorão e a limitação dos estudiosos islâmicos**, Al-Ahram, Cairo, 5/6/2002.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**, Ed. Autêntica 2017

COELHO, Leila Machado; BAPTISTA, Marisa. **A história da inserção política da mulher no Brasil: uma trajetória do espaço privado ao público**. Rev. psicol. polít., São Paulo , v. 9, n. 17, p. 85-99, jun. 2009 .

COSTA, Ana Alice Alcantara. **O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política**. Revista Gênero. V.5, n.2. Niterói: NUTEG/Eduff. 1. sem. 2005.

COSTA, Suely Gomes. **Onda, rizoma e sororidade como metáforas: representações de mulheres e dos feminismos**. (Paris, Rio de Janeiro: anos 70/80 do século XX). **Revista INTERThesis**, Florianópolis, v. 6, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2009v6n2p1>>.

DJEBAR, Assia. **Lontano da Medina**, Giunti 1993.

FRASER, Nancy. **O Feminismo, o Capitalismo e a Astúcia da historia**. Dossiê: Contribuições do pensamento feminista para as ciências sociais. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4505>

- GAHIZ,-Al. **Il libro delle tendenze amorose**. Es 1994
- GUARDI, Jolanda; BEDENTO, Renata. **Teologhe, musulmane, femministe**, Effatà editrice, 2009
- LANO, Angela. **Donne islamiche in Italia**, em La donna nelle tre grandi religioni monoteiste, Edizioni mille libri, 2002
- LANO, Angela. **Voci di Donne in un Hammam**, Emi 2002
- LANO, Angela. **Le donne di Allah**, MC, Torino, 2006,
- LANO, Angela. **Le donne dell'Islam e il sogno del Profeta**, em MC Ottobre-Novembre 2007
- LANO, Angela et al. **E em Donne per un altro mondo. Storie di protagoniste femminili in Africa, Asia, mondo islamico, Balcani e Caucaso, America Latina, Nazioni Unite**. Cura di Moiola, 2008.
- LIMA, Cila. Um recente movimento político-religioso: feminismo islâmico. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(2): 304, maio-agosto/2014. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36557/28549>
- LORUSSO, I. **Donne contro**. Torino: CSA, 2013.
- LUGONES, María. **Hacia un feminismo descolonial. La manzana de la discordia**, v.6, n.2, 2011, pp.105-119.
- MERNISSI, Fatima. **Donne del Profeta**, 1992
- MERNISSI, Fatima. **Le sultane dimenticate. Donne capi di stato nell'Islam**, 2009
- MIR-HOSSEINI, Ziba, VANZAN, Anna di. **Le donne di Allah. Viaggio nei femminismi islamici**, Milano-Torino, 2010.
- PASQUINO, Monica. **Identità e differenze. Introduzione agli studi delle donne e di genere**. Roma, 2008
- PEDRO, Joana Maria. **O feminismo de “Segunda Onda”: corpo, prazer e trabalho**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). Nova história das mulheres no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2013.
- PEPICELLI, Renata. **Femminismo islamico**. Corano, diritti, riforme, Carocci, Roma, 2010
- PEPICELLI, Renata. **Il velo nell'Islam. Storia, politica, estetica**. Carocci, Roma 2012.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, história e poder**. Rev. Sociol. Polit., Curitiba , v. 18, n. 36, p. 15-23, June 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v18n36/03.pdf>

PINTO, Celi. . **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

RANGEL, Patrícia Duarte. **Movimentos feministas e direitos políticos das mulheres: Argentina e Brasil**. 2012. Disponível em

[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10817/1/2012\\_PatriciaDuarteRangel.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10817/1/2012_PatriciaDuarteRangel.pdf)

ROSADO-NUNES, Maria José. Feminismo, gênero e religião – os desafios de um encontro possível. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 2-7, mai./ago. 2017.

SALIH, Ruba. **Musulmane rivelate**. Donne, Islam, modernità, Carocci, Roma 2008

SMITH, Adel. **La donna nella bibbia e nel corano**. Istituto culturale islamico, 1991

TAARJI, Hinde. **Le donne velate dell'Islam**. Essedue Edizioni, Milano, 1992.

VANZAN, Anna. **Le donne di Allah**. Viaggio nei femminismi islamici, Bruno Mondadori, 2013.

VIEIRA, Maria Eduardo Antônio. **Religião, feminismo e Islã**: perspectiva do feminismo islâmico. *Mandrágora*, v.24. n. 2, 2018, p. 5-38 5



## 7. APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS DE GÊNERO E FEMINISMO  
BACHARELADO EM ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A senhora está sendo convidada a participar como voluntária da pesquisa intitulada **“FEMINISMO ISLÂMICO: UM ESTUDO A PARTIR DAS PRÓPRIAS ATIVISTAS”**, objeto da pesquisa científica destinada à elaboração do trabalho de conclusão de curso do graduando **Fernando Lattarulo**.

O objetivo geral é conhecer o feminismo islâmico a partir da percepção de suas próprias ativistas. Para tanto, foram delineados três objetivos específicos, a saber: o lugar dos feminismos ocidentais e orientais nos estudos de gênero e feministas; as origens, caracterização e agendas do feminismo islâmico; o feminismo islâmico segundo as próprias militantes deste campo.

Além da pesquisa bibliográfica, será utilizado como instrumento de coleta de dados um roteiro de entrevista semiestruturada que permitirá à pessoa entrevistada discorrer livre e exemplificativamente sobre o tema, destacando o grau de aproximação com o mesmo e seus limites e possibilidades. A entrevista se dará mediante envio eletrônico das perguntas, via e-mail, para serem respondidas e devolvidas pelas participantes, podendo ser utilizado o Skype em caso de necessidade. .

A senhora será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar, sendo livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Pode se negar a responder qualquer pergunta, pois sua participação é voluntária. Todos os dados e documentos da pesquisa serão arquivados pelo pesquisador, dos quais maiores informações poderão ser obtidas no Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia. Os resultados da pesquisa poderão ser publicados nos meios acadêmicos e científicos, mas não haverá identificação das pessoas envolvidas ou das instituições participantes, em nenhuma hipótese, exceto se assim o desejarem.

Caso a senhora concorde em participar, assine ao final deste documento, que possui duas vias de igual teor, sendo uma delas sua, e a outra do pesquisador responsável. Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável, onde dúvidas sobre o projeto e sua participação nele poderão ser esclarecidas a qualquer momento.

Declaro que entendi os objetivos da pesquisa e a importância de minha participação na mesma, e que concordo em participar. \_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura da voluntária

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável pela pesquisa

Para maiores informações, dirija-se ao Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade situado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/FFCH/UFBA. Rua. Prof. Aristides Novis, 197 - Federação, Salvador - BA, 40210-909. [\(71\) 3283-6462](tel:(71)3283-6462)E-mail: [degf@ufba.br](mailto:degf@ufba.br) ou e-mail de [fernando.lattarulo@gmail.com](mailto:fernando.lattarulo@gmail.com)

## ROTEIRO DE ENTREVISTAS

### 1. IDENTIFICAÇÃO

Nome: \_\_\_\_\_  
Idade: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_ Raça/etnia: \_\_\_\_\_  
Profissão \_\_\_\_\_ Religião \_\_\_\_\_  
Estado civil \_\_\_\_\_ Nacionalidade \_\_\_\_\_  
Orientação sexual \_\_\_\_\_ País onde reside \_\_\_\_\_  
Área de formação: \_\_\_\_\_  
Função atual: \_\_\_\_\_

### 2. PERGUNTAS NORTEADORAS SOBRE FEMINISMO ISLÂMICO

- a) Como e quando você se aproximou do pensamento/movimento feminista?
- b) O que é ser feminista islâmica?
- c) Atualmente você está organizada em algum grupo? Se sim, como se dá sua atuação?
- d) Está organizada em algum grupo? Se sim, como se dá sua atuação?
- e) O que diferencia os feminismos ocidentais dos feminismos orientais, especialmente o islâmico?
- f) Qual a sua percepção dos feminismos ocidentais?
- g) Poderia citar algumas ativistas e/ou teóricas do feminismo islâmico?
- h) Como é ser feminista islâmica no ocidente? Quais os pontos de contatos e que pontos de divergências percebe entre o feminismo que você abraça e outros feminismos?
- i) Fale sobre algumas memórias e experiências a partir de sua condição de feminista islâmica?
- j) Como os feminismos ocidentais enxergam as mulheres islâmicas e suas lutas como feministas?